

Na nossa casa, na North Congress Street, em Jackson, Mississípi, onde eu nasci, a mais velha de três crianças, em 1909, crescemos ao som das badaladas dos relógios. Havia na entrada um relógio de caixa alta, de carvalho e estilo Mission, que enviava as suas badaladas semelhantes às de um gongo através da sala de estar, sala de jantar, cozinha e despensa, até lá acima, propagando-se pelo vão das escadas. Ao longo da noite, ele conseguia abrir caminho, chegando aos nossos ouvidos; por vezes, mesmo quando dormíamos na varanda, as badaladas da meia-noite acordavam-nos. O quarto dos meus pais tinha outro relógio mais pequeno que lhe respondia. Embora o relógio da cozinha não fizesse nada a não ser mostrar as horas, o relógio da sala de jantar era um relógio de cuco, com pesos nas longas correntes, numa das quais o meu irmão mais novo, depois de subir para uma cadeira e trepar para cima do louceiro, conseguiu certa vez pendurar o gato por alguns instantes. Não sei se a família do meu pai do Ohio, sendo suíça nos anos de 1700, antes de os três primeiros irmãos Welty virem para a América, tinha ou não alguma coisa que ver com isto; mas todos nós temos sido regidos pelo tempo ao longo das nossas vidas. Isto foi bom, pelo menos para uma futura escritora de ficção poder aprender cronologia de uma forma tão intensa e quase antes de tudo o mais. Foi uma entre as muitas outras coisas boas que aprendi quase sem dar por isso; estaria sempre à minha disposição quando dela precisasse.

O meu pai amava todos os instrumentos que instruísem e fascinassem. O lugar que escolhera para guardar as coisas era a gaveta na “mesa da biblioteca”, onde, por cima dos seus mapas dobrados, se encontrava um telescópio com extensões de latão, para depois do jantar descobrir no nosso quintal da frente a Lua e o Papagaio de Papel, e para marcar encontros com os eclipses. Havia uma *Kodak* de fole que era tirada nos Natais, aniversários e nas viagens. No fundo da gaveta, estavam uma lupa, um caleidoscópio e um giroscópio dentro de uma caixa de entretela preta, o qual costumava pôr a dançar para nós numa corda esticada. O meu pai também se abastecera com uma variedade de *puzzles* compostos de anéis metálicos e cadeias entrelaçadas e chaves presas umas às outras que, não importa quão pacientemente nos fosse explicado, não conseguíamos separar; ele possuía um amor quase infantil ao engenho.

A dada altura, um barómetro veio acrescentar-se à parede da nossa sala de jantar; mas não tínhamos verdadeiramente necessidade dele. O meu pai tinha o conhecimento preciso do tempo e dos seus céus, próprio de um rapaz do campo. A primeira coisa que fazia pela manhã era ir até lá fora e, parado nos degraus das escadas da frente, dava uma olhadela e fungava. Era um profeta do tempo bastante bom.

“Bem, eu *não* sou”, dizia a minha mãe com enorme auto-satisfação.

Ele disse-nos, a nós, crianças, o que deveríamos fazer no caso de nos perdermos num país estranho. “Olhem para o ponto onde o céu estiver mais brilhante no horizonte”, aconselhou. “Isso reflecte o rio mais próximo. Procurem um rio e encontrarão casas.” Ele ponderava sempre todas as eventualidades. No seu cuidado para conosco, alertava-nos para que tomássemos medidas de precaução contra determinadas coisas, como, por exemplo, sermos atingidos por um raio. Durante as intensas tempestades eléctricas, muito comuns na zona onde vivemos, afastava-nos a todos das janelas. A minha mãe deixava-se ficar à parte, troçando daquela precaução como se fosse um defeito de carácter. “Ora, eu sempre gostei de

tempestades! Na Virgínia Ocidental, os ventos fortes nunca me incomodaram! Oiçam-me aquilo! Não sentia ponta de medo de meia dúzia de relâmpagos e de trovões! Quando havia uma tempestade valente, ia para a montanha, abria os braços e *corria!*”

E deste modo desenvolvi uma apurada sensibilidade meteorológica. Anos mais tarde, quando já escrevia histórias, a atmosfera assumiu desde o início o seu importante papel. Uma agitação no tempo e os sentimentos internos suscitados por essa perturbação que pairava no ar emergiam ligados na forma dramática. (A minha primeira tentativa foi um tornado, numa história chamada “Os Ventos”.)

Desde que me lembro, nas nossas quadras natalícias o Pai Natal trazia-nos brinquedos que instruíam os rapazes e as raparigas (separadamente) a construir coisas — blocos de pedra cortados para fazer castelos, *Tinker Toys* e jogos de construção *Erector*. O papá fazia-nos, ele mesmo, papagaios elaborados que tinham de ser levados até quilómetros de distância da cidade para um campo suficientemente extenso (e o meu pai não tinha medo de que houvesse cavalos e vacas a observar) para ele correr com eles e os lançar ao ar com uma guita bem comprida, enquanto a minha mãe segurava o novelo, e depois dava-nos a nós, crianças, a segurar, dando puxões como se fossem alguma coisa viva que estivesse nas nossas mãos. Eram papagaios belos, sólidos, que cheiravam levemente a cola no decorrer das suas breves vidas. E, claro, assim que os rapazes chegavam à idade própria, havia um comboio eléctrico, a locomotiva com o seu farol do tamanho de uma ervilha a funcionar, as suas carruagens, os carris equipados com interruptores, semáforos, a sua estação, as suas pontes e o seu túnel, que bloqueava o restante tráfego no corredor de cima. Até mesmo do andar de baixo, e no meio dos gritos de crianças excitadas, se conseguia ouvir através do tecto a corrida e os estalidos do comboio, andando às voltas no seu nó em forma de oito.

Tudo isto, mas o comboio em especial, representa as crenças mais caras ao meu pai — no progresso, no futuro. Com estes presentes, ele estava a preparar os seus filhos.

E também a minha mãe o fazia com os seus presentes diferentes.

A partir dos dois ou três anos de idade aprendi que qualquer divisão da nossa casa, a qualquer hora do dia, estava ali para nela se ler ou ouvir ler. A minha mãe lia para mim. Costumava fazê-lo no quarto grande, de manhã, quando estávamos as duas sentadas na sua cadeira de baloiço, que fazia um tiquetaque ritmado enquanto baloiçávamos, como se houvesse um grilo a acompanhar a história. Ela lia para mim na sala de jantar, nas tardes de Inverno, em frente ao fogão de carvão, com o nosso relógio de cuco rematando a história com “Cuco”, e à noite, quando eu ia para a minha própria cama. Não lhe devo ter dado descanso. Às vezes, lia-me na cozinha enquanto estava sentada a bater a manteiga, e aquele bater acompanhava com o seu som sincopado *qualquer* história. Eu tinha a aspiração de a ter a ler para mim enquanto fosse *eu* bater a manteiga; uma vez ela concedeu-me esse desejo, mas chegou ao fim da minha história antes que eu conseguisse fazer a manteiga. Era uma leitora expressiva. Quando estava a ler “O Gato das Botas”, por exemplo, era impossível não perceber que ela não confiava em *nenhum* gato.

Descobrir que os livros de histórias tinham sido escritos por *pessoas*, que os livros não eram maravilhas naturais, surgindo espontaneamente como a relva, fora uma experiência perturbadora e frustrante. Contudo, independentemente de onde eles provinham, não consigo lembrar-me de uma altura em que não estivesse apaixonada por eles — pelos próprios livros, capa e encadernação e o papel onde eram impressos, pelo seu cheiro e o seu peso, cingidos nos meus braços, capturados e trazidos para mim. Ainda sem saber ler, eu estava pronta para eles, comprometida com toda a leitura que lhes pudesse dedicar.

Nem o meu pai nem a minha mãe vinham de lares que pudessem dar-se ao luxo de comprar muitos livros, mas, embora tivesse representado indubitavelmente um peso adicional para o seu salário, enquanto o mais jovem funcionário numa jovem companhia de seguros, o meu pai foi sempre cuidadosamente selectivo, propor-

cionando-nos aquilo com que ele e a Mãe julgavam que devíamos crescer. Antes de tudo, eles compravam a pensar no futuro.

Além da estante de livros da sala de estar, que era sempre chamada “a biblioteca”, havia ainda as mesas da enciclopédia e a estante dos dicionários debaixo das janelas da nossa sala de jantar. Aqui, para nos ajudar a crescer, discutindo à mesa da sala de jantar, estavam o *Webster* completo, a *Enciclopédia Columbia*, a *Enciclopédia Compton com Imagens*, a *Biblioteca Lincoln para Informação* e, mais tarde, o *Book of Knowledge*. E, no ano em que nos mudámos para a nossa nova casa, havia espaço para o celebrar com a nova edição de 1925 da *Britânica*, que o meu pai, com os olhos sempre deliberadamente voltados para o futuro, estava, como é evidente, disposto a considerar melhor do que qualquer outra edição anterior.

Na “biblioteca”, dentro da estante estilo Mission, com as suas portas de vidro talhado em bisel, com a cadeira Morris do meu pai e o candeeiro com abajur de vidro sobre a mesa ao lado dela, encontravam-se livros que em breve eu poderia começar a ler — e comecei, lendo-os a todos indiscriminada e directamente tirados das prateleiras, de cima para baixo. Havia a colecção de *Stoddard's Lectures*, com todo o seu vocabulário finissecular e as suas vinhetas sobre a vida do campo e sobre crenças e costumes peculiares, com as correspondentes ilustrações de meia-tinta: o Vesúvio em erupção, Veneza ao luar, o vulto de ciganos à volta das suas fogueiras. Na altura não sabia que elas indiciavam o desejo do meu pai de ver o resto do mundo. Li do princípio ao fim o seu outro amor-à-distância: o *Victrola Book of the Opera*, com ópera atrás de ópera em sinopse, com retratos de Melba, Caruso, Galli-Curci e Geraldine Farrar em trajés de ópera, de alguns dos quais podíamos ouvir as vozes nos nossos discos *Red Seal*.

A informação não contava muito para a minha mãe enquanto leitora; mergulhava hedonisticamente nos romances. Lia Dickens como se fosse uma amante pronta a fugir com ele. Os romances da sua meninice que haviam permanecido na sua imaginação, além dos de Dickens e dos de Scott e Robert Louis Stevenson,